

TIPOS DE CONHECIMENTO

Fernando Nogueira Dias

DIFERENTES PROPOSTAS

O conhecimento e a procura ávida de compreender e dominar o mundo sempre foi por parte dos homens, e em especial dos cientistas, um dos maiores empreendimentos. Diferentes têm sido as tentativas e as propostas de criação de sistemas de ideias que ajudem os indivíduos a compreender o que se passa à sua volta e a prever o que vai ocorrer nas suas vidas e no mundo.

É o caso das religiões que, ao longo dos tempos, se têm imposto como instituições reveladoras da verdade, fornecendo aos seus fiéis quadros explicativos para os fenómenos naturais, humanos e espirituais. Por seu lado, a filosofia procura questionar as propostas da religião, e não só, mas, algumas das vezes, pretende ela também substituir-se à religião, nesta função de reenquadrar a visão do homem. A ciência, por sua vez, especialmente a partir do século XIX, pretende assumir-se como redentora do homem, na sua errância pela procura da verdade.

No que respeita à religião, a sua actuação tem sido a de fornecer ao homem modelos integradores do mundo e da vida: ora proporcionando explicações para os fenómenos, ora fornecendo antecipações da realidade e dando segurança ao ser humano, face à imprevisibilidade da vida, aqui e no além.

No seu papel de interrogar o mundo e a vida e de os questionar criticamente, a filosofia acaba, muitas vezes, por substituir modelos que julga inadequados por outros, nem sempre de forma realista.

A ciência, no labor de se desvincular das ideias feitas e das ideologias, cria teorias e modelos para os mesmos efeitos: compreender o mundo e a vida, de uma forma objectiva e coerente.

O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Qual, então, a diferença entre religião, filosofia e ciência no que se refere ao problema do conhecimento? Não é fácil responder à pergunta, mas podemos,

grosseiramente, dizer que a religião dá respostas globais, universais e definitivas sobre o conhecimento, sendo a fonte desse conhecimento de carácter transcendental. A filosofia, por sua vez, procura o conhecimento na desconstrução da realidade aparente, através de procedimentos de reflexão sistematizada.

E a ciência? Como nos diz o filósofo Gaston Bachelard¹, *O facto científico é conquistado, construído e verificado*. Mas como? Conquistado sobre os preconceitos, construído pela razão, verificado nos factos. Na mesma sequência, Pierre Bourdieu² descreve o processo de conhecimento científico, obedecendo a uma hierarquia de actos epistemológicos: ruptura, construção e verificação (ou experimentação).

Deverá, então, a ciência dispensar as ideias (ideologias), para poder constituir-se em ciência? Por certo que não. Não é possível haver conhecimento científico ou conhecimento comum sem sistemas de ideias. A diferença é que, em ciência, as ideias devem subjugar-se a procedimentos epistemológicos rigorosos.

Depreende-se disto que, mesmo para compreendermos cientificamente a realidade, necessitamos sempre de paradigmas, de modelos e de teorias. Mas há aqui uma grande diferença relativamente ao senso comum e ao conhecimento religioso ou mítico. É que o conhecimento científico não aspira a ser absoluto nem eterno.

O conhecimento científico é sempre provisório, sectorial e resulta de aproximações sucessivas e graduais à realidade. Desta forma, os totalitarismos epistemológicos não têm cabimento no conhecimento científico! Este é uma certeza incerta. Ou seja, é a certeza de que o conhecimento se vai gradualmente conquistando.

Como definir, então, o conhecimento científico e distingui-lo dos outros tipos de conhecimento? Para além das afirmações anteriores, podemos dizer que o conhecimento científico necessita de matrizes (sistemas de ideias) coerentes intrinsecamente e que correspondam o mais aproximadamente possível à realidade que pretendem explicar.

No conhecimento científico, é necessário que, para além de um objecto de estudo bem delimitado, e de uma matriz de significados coerente, haja um cientista

¹ In Raymond Quivy *et al.* (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

² *Id.*

e um conjunto de métodos, de técnicas e de procedimentos de investigação. Será da articulação rigorosa desta complexidade que resultará o conhecimento científico.

Será que temos o problema definitivamente resolvido? Como nos diz Pierre Bourdieu, é necessária permanente vigilância epistemológica sobre as matrizes, os modelos, as teorias, os paradigmas, a definição do objecto de estudo, a postura do cientista, etc.

AS LENTES DO CONHECIMENTO

Vemos, assim, que também a ciência repousa sobre sistemas de ideias. Se quisermos, assenta, para além de tudo, em paradigmas científicos, em teorias e em modelos. Se assim é, podemos então dizer que o conhecimento científico necessita de «óculos» para ver a realidade! É verdade, os paradigmas funcionam como tais; sem eles a realidade não nos faz sentido! Assim sendo, então a realidade muda, de acordo com os óculos. Exactamente, e por isso é que há diferentes teorias sobre a mesma realidade, mesmo as científicas.

Independentemente dos «óculos» que possamos usar, podemos afirmar que os paradigmas facilitam e simultaneamente condicionam a visão da realidade. Facilitam, porque nos fazem ver coisas que de outro modo não veríamos; condicionam, porque focalizam a nossa atenção em determinados aspectos, dando-nos, por isso, uma visão sectorizada de uma complexidade, que é a vida e o mundo.

Resta-nos distinguir os conceitos de paradigma, teoria, modelo e método, já que, com frequência, são usados indistintamente. De facto, muitos autores no seu discurso não fazem esta distinção. Todavia, se quisermos, podemos apontar alguns aspectos diferenciadores.

Paradigma será, então, um sistema de ideias que norteia a actividade e o conhecimento científico, e que, por consequência, funciona como exemplo, norma ou padrão. Foi o filósofo americano Thomas Khun quem, pela primeira vez, usou em ciência o termo paradigma, como sistemas conceptuais, que enquadram os campos e as experiências da investigação.

Serão os paradigmas que estão na origem da evolução do conhecimento científico. Estes sistemas orientam a actividade do cientista no tempo e no espaço,

facilitando-lhe a definição do seu objecto de estudo, a criação de matrizes, a construção de métodos e de instrumentos. Também, e acima de tudo, proporciona um enquadramento para a interpretação dos resultados científicos.

No caso da teoria, consideramo-la também um sistema de ideias, de conceitos e de princípios fundamentais, que pretende proporcionar explicações de alcance universal. Tratando-se de teoria científica, podemos vê-la como um sistema de conhecimentos exactos, universais, que tomam expressão na formulação de leis, relativamente ao Homem, à sociedade e ao pensamento.

Modelo será um sistema de ideias de carácter mais regional, por oposição à teoria. Finalmente, método pode ter dois sentidos: um que aponta para os procedimentos de investigação; outro que aponta para a ideia de teoria, propriamente dita.

CLASSIFICAÇÕES DO CONHECIMENTO

Há autores que consideram que o conhecimento pode ser classificado em três níveis de abordagem. São eles: o conhecimento inorgânico, que abrange as ciências físicas; o conhecimento orgânico, que abarca as ciências biológicas; e o conhecimento superorgânico, que compreende as ciências sociais e humanas.

O conhecimento superorgânico, que é o que nos interessa neste trabalho, objectiva a compreensão dos seres humanos, dos sistemas interaccionais que pautam a sua vivência e dos produtos dessa mesma interacção, como sejam: a filosofia, a ética, a ciência, a tecnologia, os usos e costumes, os comportamentos, e muitos outros aspectos dos sistemas cultural e social.

Uma vez que estamos a tratar de conhecimento, e para delimitarmos o nosso campo de intervenção, convém, desde já, dizer que este trabalho não versa sobre a natureza do conhecimento na perspectiva psicológica ou filosófica.

A abordagem que aqui se espelha é a da sociologia do conhecimento, com os contributos da sociologia da comunicação. Neste sentido, e como adiante veremos, os processos de comunicação estão na base das interacções sociais, assim como as interacções sociais estão na génese do desenvolvimento dos processos de

comunicação, e um e outro processos indissociavelmente ligados aos processos de conhecimento.

Qual, então, a relação da sociologia do conhecimento com a psicologia do conhecimento e com a filosofia do conhecimento? Suportando-nos no filósofo português Jorge Coutinho³, nas *Notas Preliminares* da sua obra *Filosofia do Conhecimento*, diremos que o conhecimento humano pode ser abordado por dois diferentes níveis que compreendem as disciplinas que se debruçam sobre o conhecimento: o científico-experimental e o filosófico.

No nível científico-experimental encontramos a psicologia do conhecimento, como ciência que se ocupa dos fenómenos cognitivos. Com o desenvolvimento das chamadas neurociências, tem-se desenvolvido também a biologia do conhecimento, que procura abarcar, no âmbito dos aspectos cognitivos, os condicionamentos e os reflexos neurológicos.

Ainda neste nível se encontra englobada a sociologia do conhecimento. A esta interessam, entre outros aspectos, as condições sociais da produção do conhecimento, o uso social do conhecimento, a distribuição social do conhecimento e as consequências sociais e individuais do conhecimento.

Ao nível filosófico, e retomando o autor, a filosofia do conhecimento procura exercitar a reflexão sobre os conhecimentos adquiridos pelas ciências atrás referidas. A filosofia do conhecimento encontra-se, relativamente às outras ciências, numa posição que poderíamos designar de meta-nível, uma vez que sobre elas exerce a reflexão nas camadas mais profundas desse conhecimento.

Retomando o tipo de conhecimento que será objecto da nossa análise, podemos dizer que, no âmbito deste trabalho, nos encontramos na encruzilhada daquilo que é ou pode ser importante para a vida concreta das pessoas. É o conhecimento ou os conhecimentos que se estruturam, de tal forma que a sua configuração tem implicações específicas nos colectivos humanos.

Como sabemos, os sistemas de conhecimento nada têm de místico; eles resultam de processos interaccionais. Quer dizer, os sistemas de conhecimento

³ Jorge Coutinho (2003: 13-14), *Filosofia do Conhecimento*, Lisboa, Universidade Católica.

emanam de um conjunto complexo de elementos inter-relacionados, constituindo uma configuração própria, mas em constante transformação, mais ou menos acelerada, de acordo com os processos históricos e contextuais, com repercussões concretas na forma como os indivíduos percebem, aceitam e intervêm no mundo e na vida.

Nos sistemas de conhecimento intervêm variáveis internas e externas, que os podem alterar ou condicionar. É o caso das idiossincrasias dos diferentes indivíduos, das regras sociais, das normas culturais, dos sistemas simbólicos, dos processos históricos, das expectativas relativas ao futuro, da posição que certos grupos de maior influência ocupam na estrutura social, das influências que resultam de cada fonte de poder, das condições naturais de cada comunidade ou sociedade, entre outros aspectos.

Por isso, não nos motiva aqui a apreciação de questões abstractas, por mais importantes que elas se nos afigurem, mas a análise de factos concretos da vida real e suas explicações teóricas, tanto quanto possível, acessíveis ao mais comum dos mortais. É isso que está em mente.